

IDENTIFICAÇÃO E IDENTIDADE TERRITORIAL PARA FORMAÇÃO DO LEITOR ATRAVÉS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CIDADE DE JUAZEIRO DA BAHIA

Willian Fernando da Silva¹

RESUMO

Despertando o prazer pela leitura e assim, fortalecendo a preservação da memória no intuito de contribuir com modesto subsídio para a história de Juazeiro/BA, este trabalho tem como objetivo compreender a importância da contação de história e a sua contribuição na formação do leitor através das narrativas locais na educação básica das escolas públicas de Juazeiro-BA, como também o reconhecimento e leitura de mundo e fortalecimento da identidade cultural do território em que vive. Dentro dessa perspectiva nasce a investigação, a identidade é o que se usa para identificar-se, sendo assim, a educação passa a ser esse espaço de aprender sobre si e sobre a história da cidade de Juazeiro da Bahia, suas lendas do Rio São Francisco, vindo assim a surgir o processo de identificação, aprendendo a ser, a conviver, a conhecer e a fazer narração de histórias como prática artística.

Para fundamentar esse trabalho, utilizou-se de algumas obras e autores que abordam sobre o tema, podendo destacar PAULO FREIRE (1988), ABRAMOVICH (2010), CÂMARA CASCUDO (2012), BUSATTO (2012), CAMPBELL (2003) e COELHO (2006) como peças fundamentais para esta pesquisa.

Palavras-chave: formação do leitor, narração artística e cultura de identidade.

INTRODUÇÃO

¹Graduado em Letras UNIDERP- ANHANGUERA, Patrono da Academia Brasileira de Contadores de Histórias, nº16., escritor, professor e contador de histórias. E-mail: willianfernando_@outlook.com

A partir da compreensão das narrativas orais como identidade e reconhecer a sua identificação com as narrativas em volta da cidade de Juazeiro da Bahia que é um bem cultural e que deve estar disponível para todos os indivíduos, é que propomos este artigo. Trata-se de uma literatura ancestral que propõe uma leitura da cidade como uma fonte inesgotável de identificação do sentimento de pertencimento, pois permite a fruição das habilidades intelectuais, conduzindo aqueles que a escutam ao mundo dos sonhos juntamente com a realidade em que se vive, lançando seu olhar poético no ar.

A contação de história ocupa valioso espaço na prática educativa e se constitui como uma atividade lúdica que permite que crianças e jovens atribuam ressignificados aos valores e papéis sociais. Portanto, contribui para a construção da sua identidade como pessoal e também parte da sociedade. É nessa perspectiva que se encontra a relevância da pesquisa que será realizada. Segundo Busatto (2012, p.15),

O conto de literatura oral serve a muitos propósitos, a começar pela formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano. Através do conto podemos valorizar as diferenças entre os grupos étnicos, culturais e religiosos, e introduzir conceitos éticos. O contato pode ser o estímulo que dará origem a estas e muitas outras reflexões. Serve também como elemento integrador de um trabalho em sala de aula, onde as diferentes áreas de conhecimento podem ser abordadas e pesquisadas.

O regenerar das histórias a fazendo gerar novamente nesse tempo, dentro e fora da sala de aula, as lendas e mitos de tradição oral, contribuiu para formação do leitor enquanto leitor de mundo e também do pertencer dos estímulos as práticas desenvolvidas para aprender a fazer. Assim, esse regenerar de histórias envolve o ouvir, ler e contar as histórias para outros estudantes da cidade, como também agregando às áreas do conhecimento e o ajudando na formação intelectual, cultural.

Nisto, percebe-se o repertório cultural do Vale do São Francisco, criando e refletindo sobre o que não se sabia e o que poderia vir a saber com os contos narrados nas performances dos espetáculos que são criados para o desenvolvimento cênico integrado as narrativas.

1 A leitura da cidade e a apropriação da memória e identidade

Como não lê a cidade a sua volta? A leitura da cidade estará por todo canto, e como fazer-se narrar a cidade pela memória e pelo o que se vê, pelo que ainda existe nela a partir de uma identidade no local onde se vive despertando para a leitura que leva além de mim, para que isso possa acontecer é necessário uma percepção imagética do tempo presente, usando a imaginação para deixar fluir essa competência do ser leitor como um ser social e pertencente ao mundo nas suas práticas cotidianas.

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, afirmou Freire (1988, p.9) Essa frase envereda um trabalho que decidiu unir a arte, a educação e a leitura para uma visão de mundo ampliada, podemos dizer que as leituras de uma cidade com seu potencial cultural enorme possibilitou a leitura da palavra na sala de aula, a leitura desse mundo, dessa cidade, tanto através dos seus patrimônios materiais e imateriais, e sem deixar de mencionar o Rio São Francisco que traz histórias que se transformaram em lendas.

Ler histórias para as crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento...É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões.

(ABRAMOVICH, 2001p. 17)

As lendas não morrem jamais, são eternas, e tem mais, pense bem que ainda há de “quem conta, aumenta um ponto”, conseqüentemente afirmo: as lendas são imortais, em todos os países do mundo, há lendas, apólogos, costumes e superstições, em tudo unido à tradição, à cultura popular fazendo parte da alma e da essência.

As narrativas estão presentes em todos os lugares, seja através de uma pintura na parede, nas manifestações culturais, em um monumento em uma praça em como são formados os grupos de seus bairros, nas histórias das pessoas que vivem e convivem com a memória de tempos passados. Mais uma vez trazendo Paulo Freire que na sua visão diz que o significado da leitura é ler a realidade de forma crítica, essa criticidade da leitura que faço da minha volta é perceber a mim mesmo, enfrentando as mudanças diárias, surgindo então o letramento nesse desenvolver na apropriação da leitura da memória e identidade sociocultural.

Segundo Soares (2003, p. 23), “letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno”, isto significa dizer que o ler os diversos contextos nos aproximam se tornamos apropriado da palavra, dos saberes que se perpetuaram e nos chega até hoje através de gerações e fatos históricos deixados como lembranças na memória da cidade de Juazeiro da Bahia.

Obviamente que esse pertencer, é que nos faça ter o sentido do ser de identificação, que posso afirmar nas visualidades das práticas de narração oral que se cria no indivíduo que fará com que ele, inserido dentro de uma comunidade e um contexto específico, se empenhe para que coletivamente lute por uma sociedade mais justa e também contribuindo para a perpetuação das histórias ampliando sua visão de mundo.

Seja onde for que as histórias soem, seja através de qualquer voz, de qualquer suporte, seja qual for a formação do contador, elas chegam para ficar. As histórias, oriundas da tradição ou da contemporaneidade, sempre serão bem-vindas, como são bem-vindos os contadores, sejam aqueles que narram contos da tradição, sejam aqueles que narram autores contemporâneos. Há espaço para todos: os que entendem as histórias como alimento para o espírito; os que veem nas histórias uma forma de distração; aqueles que narram cantando e aqueles que narram dançando; velhos e moços; letrados e iletrados. Os contos estão aí, à espera de uma voz para torná-los matéria viva, significativa e transformadora. O que fica de tudo isso é o reconhecimento do saudável hábito de contar histórias (BUSATTO, 2006, p. 127-128)

A história e a lenda são companheiras inseparáveis. Uma não pode prescindir da outra, porque auxiliam-se mutuamente e eis que é advinha da tradição do povoamento, as narrativas imaginativas exercem papéis táticos essenciais no cotidiano, concedendo-lhe sentido identitário, as histórias da cidade e suas territorialidades, do pertencimento, das singulares das lendas do Rio São Francisco nesse processo de formação do leitor e também na contribuição do repertório cultural dos que se envolveram e se envolvem na arte de contar histórias e nele vem o desejo notório de “sentir” e estar no mundo, de demarcar um lugar de fala e exercer um protagonismo sociocultural estudantil. Segundo Coelho (2006, p.?)

A força da história é tamanha, que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidade, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra, que comove e eleva, enquanto a ação se desenvolve e participamos dela, sem que ocorra alienação, num processo essencialmente recreativo.

A cumplicidade entre o narrador e os ouvintes é realmente de trilhar nas histórias e juntos as sensibilidade ecoada por vozes e gestos enriquecem o ambiente, seja ele qual for, direcionando a palavra protagonista no engajamento criativo dessa magia fantasiosas dos contos e encantos que desenvolve na colaboração e participação coletiva, enquanto se contar e o enquanto se ouve que nas batidas vivas do coração se faz a força de se perpetuar essas narrativas.

2. Incentivar a leitura é um ato de amor e coragem na relação do contar e preservar a memória e repertório cultural

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem...” (FREIRE, 1983, p.10) podemos alinhar esse pensamento de Paulo Freire que a partir do momento em que um professor juntamente formando jovens contadores da periferia, sai dos muros da escola para levar narrativas as outras escolas e lugares é um ato de coragem e um ato de amor a seu ofício, o que desafia os tempos de hoje, que vemos a perda dos valores, onde a cada dia, é preciso e se faz necessário cultivar o ouvir, o prestar atenção, o estar disponível e se colocar diante do outro e no

lugar do outro e ainda mais na convivências com as diferenças encontradas na sociedade nas suas diversas realidades. Assim, de acordo com Busatto

O contador contemporâneo atua num regime de oralidade secundária, ou seja, encontra-se inserido no contexto de uma cultura letrada, se apropria da escrita, da impressão e das novas tecnologias. Surge em diferentes setores da sociedade atual movido pelo desejo de fazer de sua voz uma marca na sua comunidade e ávido por mergulhar nos segredos da narração (2006, p.29).

A contação de histórias e suas contribuições para a leitura para aqueles que contam e aqueles que elas escutam, se tornando um ato de amor no preservar a memória do que está sendo contado para as gerações futuras, a palavra soltando das narrativas movidas pela sociedade atual que na forma das diversas maneiras de contar mergulham nas curiosidades que a oralidade pode proporcionar.

Dentro do contexto do semiárido traz a problematização para se falar ativamente do lugar de onde se vive, do lugar de onde se vê, se apropriando do seu contexto do novo século onde se apropriar do uso das ferramentas digitais se fez e se faz necessário a favor da contação de histórias para essa memória presente.

O processo de uma educação contextualizada para além dos muros da escola trouxe a reflexão que é possível se ensinar a ler, a escrever com as narrativas do próprio povo, das origens de um lugar. A história de Juazeiro é cantada e cantada e cantada por diversas vozes, dentre elas conta-se, que em um determinado ponto da margem direita do rio São Francisco, existia uma árvore frondosa e de muita sombra, um pé de juá. Os boiadeiros a transformaram em ponto de descanso, chamando o lugar de Passagem do Juazeiro.

3 A formação do leitor através das narrativas ribeirinhas da cidade de Juazeiro da Bahia

Há muitos anos, a cidade de Juazeiro da Bahia foi conhecida como “A Princesa do Vale do Rio São Francisco” por ser o porto de chegada e saída dos vapores (barcos), era a principal via de transporte, e tendo hoje a ponte, Eurico Gaspar Dutra, popularmente conhecida como ponte Presidente Dutra. Juazeiro da Bahia também é conhecida como terra das carrancas, pois, as figuras de proas, ficavam nas pontas das barcas e acredita-se que elas espanta os maus espíritos dos mistérios e mitos do Rio São Francisco. Campbell afirma que:

Mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos. Todos nós precisamos contar nossa história, compreender nossa história. Todos nós precisamos compreender a morte e enfrentá-la, e todos nós precisamos de ajuda em nossa passagem do nascimento à vida e depois à morte. Precisamos que a vida tenha significação, precisamos tocar o eterno, compreender o misterioso, descobrir o que somos (2003, p.22).

A história do povoamento e colonização do semiárido, bem como suas características físicas e culturais se entrelaçam à história de Juazeiro e nessa formação do leitor do seu próprio território. Um dos fenômenos naturais que se destaca na região é o rio São Francisco com forte influência na construção da identidade cultural do povo dessa terra.

As povoações do Semiárido e nessa convivência atual a história de Juazeiro da Bahia é cantada e contada por diversas vozes e ressignificadas por outras gerações, histórias de lavadeiras e pescadores, seriam lendas com misturas de verdades.

Para Autora Edineusa Santos (2016, p. 12)

É preciso construir uma nova visão sobre esse lugar; o que esse lugar pode nos oferecer, inclusive quais são suas limitações, seus potenciais. É preciso o menino saber a história do Semiárido porque a História do Semiárido é a História do Brasil. Saber, por exemplo, por que o Rio São Francisco é também chamado do rio dos currais (...)

Essa cultura popular foi despertadora para o senso leitor criativo para formação ativação do desenvolvimento da oralidade dos estudantes que participaram das vivências de construções dos espetáculos narrativos. Fazem parte da oralidade e comunicação todas as práticas de linguagem que envolvem a oralização dos discursos e esses gêneros textuais, isto é, a fala e a escuta onde ocorrem as interações e a construção do conhecimento nesse desenvolvimento estando presente, por exemplo, nas quais vários aspectos ganham importância, como entonação, observação dos sinais de pontuação, ritmo, pausas, etc. Segundo Cascudo (2003, p.53)

Episódio heroico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo. (...) Muito confundida com o mito, a lenda dele se distancia pela função e confronto. O mito é o duende, o objeto ao redor do qual a lenda se cria.

O nego d'água é uma das lendas mais conhecidas do Rio São Francisco, tanto que ganhou uma estátua pelo escultor Lêdo Ivo, que está localizada nas margens do rio, que atravessa gerações e em também é chamado de caboclo d'água em cidades próximas de Juazeiro da Bahia, a lenda se cria pelo imaginário de seu povo no sentimento de saberes populares que envaidecem aqueles que a escuta. Segundo Bezerra (apud PROPP, 2002, p.69), "a oralidade que constrói as narrativas folclóricas, foi sempre elemento inalienável da literatura no todo desde os primórdios de sua história".

É conhecido em geral se contar histórias das lendas folclóricas na época do mês de agosto, como também no aniversário da cidade, no qual as escolas solicitam a pesquisas, colagens, trabalhos diversos apenas nesse momento, no entanto o trabalho contínuo desenvolvido com a formação de jovens narradores orais essas histórias ganham o espaço para o olhar a cidade de forma mais amorosa e pertencente de lugar, do saber e do ser.

E porque pensar essas histórias para além de datas comemorativas, o trabalho realizado com os adolescentes e jovens narradores numa escola estadual da cidade revelou que independentemente de datas celebradas a importância de saber a história da sua cidade transita pela educação social.

4. O encantamento da narrativa e as linguagens artísticas no fazer sociocultural

Para além da arte narrativa, o contato com as demais linguagens artísticas a exemplo da dança, teatro, música e artes visuais, é um fruto do processo de entender a contação de histórias no seu sentido artístico nessa formação de jovens narradores de histórias na cidade de Juazeiro da BA.

A utilização dessas formas de se comunicar através das gestualidades que coincidem com algumas práticas do narrador artístico. A dança é uma linguagem que conquista os estudantes com seus ritmos, em seus gestos e gostos musicais e maneiras de dançar, formas de dançar, valorizando os artistas da terra.

Segundo Busatto (2012), na área da arte é possível recriar as linguagens, sendo assim melhores exploradas, por exemplo na linguagem visual onde as pinturas e desenhos são encontradas no figurino dos contadores de histórias, na linguagem corporal, explorando concepções coreográficas, e as noções de direção, plano, dimensão, força, ritmo, qualidade de movimento; explorar a dança do povo que dá origem ao conto, e ainda complementa sobre a musicalização nas cantigas de roda, a música regional, e os sons que também podem ser executados pelo nosso corpo para exercitar a memória ainda existente com a pesquisa de onomatopeias no qual sugere as narrativas, o progresso cênico na construção dos personagens e suas vozes dando vida ao que é narrado com as entonações e pausas.

O roteirizar fazendo assim de um espetáculo de narração artística, com inúmeras possibilidades alcançadas com no conviver para propagar a arte de contar histórias unindo todas os talentos artísticos e culturais que englobam uma sociedade. Em outras palavras: “para mim só existe percorrer os caminhos que tenham coração, qualquer caminho que tenha coração. Por ali eu viajo e o único desafio que vale a pena é percorrer toda a sua extensão. E por ali viajo, olhando, olhando, arquejante”. (BUSATTO, 2006, p.43).

O ato de ensaiar as potências artísticas e os textos de tradição oral, fazendo assim apresentações para a sociedade, se tornou um ato solidário, a leitura se faz presente no como seria humanizar a partir da contação de histórias sendo uma abertura a possibilidades de conhecer

novas realidades, conhecer e compartilhar saberes, o trato no sociocultural faz a costura de um tecido que além dos caminhos por onde passar e deixar símbolos de significados, as narrativas em afetos pelo olhar e o sorriso faz extensão da mente para o coração de quem conta e também daqueles que escutam e apreciam a narrativa com a sensação de pertencimento.

As idas as escolas voluntariamente faz do sentido de ampliar um incentivo a leitura mas também como um compartilhar afetos a partir das palavras, esses momentos em que a arte da narrativa vai de encontro aos ouvintes é possível perceber que os estímulos e mente se abrem para um novo universo que se torna multiverso, a partir das escolhas das histórias que podiam ser contos populares, contos clássicos, mas cada um com sua dimensão para o viajar sem sair do lugar, que antes do ato singelo do contar essas histórias que se vislumbrar nos ares, a atenção percorria a mais bela forma do humano se fazer presente para ouvir o outro e com uma finalidade cultural de propagar as histórias do lugar que se encantavam pelo apreço de se identificar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível compreender e levar em consideração o poder de transformação na educação por meio das histórias e principalmente das narrativas do lugar onde se vive, incentivar a leitura através das lendas, contos e mitos que povoam uma sociedade se torna eficaz na formação do leitor e também reafirmando o direito ao conhecimento dessa leitura e cultura de mundo, fazendo com que os não conhece as histórias se apropriar delas, para assim, continuar perpetuando as histórias, a fantasia e a magia de uma história não só encanta e desperta a imaginação criadora, como é responsável pelos novos inventores e criadores de uma sociedade melhor, a história aquieta, asserena, prende atenção, informa, socializa, educa, porque quanto menor for a intenção de alcançar tais objetivos, maior sua influência nas vidas das pessoas.

A formação do leitor através das narrativas que dão vida a cidade de Juazeiro da Bahia, as misteriosas histórias do Rio São Francisco deixam evidencias que é preciso conta-las, que é preciso deixa-las vivas, ativando a memória e não deixar morrer e nem desaparecer no esquecimento. A narração artística e seus elementos de linguagens a favor da história faz com que mais crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos se interessarem por esta memória própria do ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

BUSATTO, 2006, **A Arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis: Vozes, 2006.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: Pequenos segredos da narrativa. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. Trad. Carlos Felipe Moises. São Paulo: Palas Athena, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. 12.ed. São Paulo: Global, 2003

COELHO, Betty. **Contar histórias**: uma arte sem idade. 10. ed. São Paulo: Ática, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE 1988

PROPP, Vladímir Iakovlevitch. **Morfologia do conto maravilhoso**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002

SOARES, Magda. Alfabetização: a ressignificação do conceito. In: Alfabetização e cidadania. **Revista de Educação de Jovens e Adultos**, n. 16, São Paulo, 2003.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2001.